

RUANDA, GENOCÍDIO DE 1994: PALCO
DE TRAUMAS E FERIDAS E DE ESPERANÇAS,
NO PRESENTE E NO FUTURO

VALCI VIEIRA DOS SANTOS

Doutor em Estudos Literários/Literatura Comparada (UFF)

E-mail: valci@ffassis.edu.br

Recebido em 13/abril/2019

Aprovado em 30/abril/2019

Sistema de Avaliação: *Double blind review*

Resumo: Ruanda, país africano, vítima de um dos maiores genocídios da história recente da humanidade, voltou a conviver, depois de 25 anos, com as lembranças de um massacre que dizimou quase um milhão de pessoas. Para discorrer sobre os fatos que marcaram a vida do povo ruandês, fizemos uso de informações históricas, documentários e jornais televisivos sobre o ocorrido, em cujo bojo se acham fragmentos de entrevistas esclarecedoras daqueles tempos sombrios, cujas barbáries ainda se mantêm vivas nas mentes de suas gerações.

Palavras-chave: Ruanda. Genocídio. Barbáries

No último dia 7 de abril deste ano, ou seja, 2019, a República Ruandesa, país da África equatorial oriental, como sempre faz há anos, acordou com suas memórias ativadas diante de sua “consciência íntima do tempo”, nas acertadas palavras de Husserl, citadas por Paul Ricoeur (2007, p. 62), em seu “A memória, a história, o esquecimento”. A consciência íntima do tempo do povo ruandês mantém intatos os traumas e as feridas, em decorrência do genocídio ocorrido em 1994.

A NARRATIVA DE FATOS HISTÓRICOS...

A história de Ruanda está pontuada de acontecimentos trágicos, desde os tempos conflituosos que tomaram lugar entre os séculos XIII e XIV, época em que os pastores-guerreiros Tutsi invadiram a região de Ruanda e Burundi, com o consequente domínio sobre as tribos ali instaladas: os Twa e os Hutu. A princípio, o domínio se dava no campo político. Noutras esferas, na da coação física, por exemplo, esta era exercida pelos Tutsi, até então os senhores do exército, figurando os Hutu como servidores na intendência. Dessa forma, a hierarquia do poder estava completamente nas mãos dos Tutsi.

Dando um salto na história, no contexto dos meados do século XVIII, pequenos reinos tutsi começaram a perder força, sendo, aos poucos, levados à perda de privilégios e conquistas, o que culminou com a expulsão, para além do rio Akanyaru, do *mwami* (o rei) de Burundi, época, inclusive, de configuração das atuais fronteiras de Ruanda. No século seguinte, o XIX, a dominação alemã toma seu acento em Ruanda-Urundi: mais precisamente, em 1899, quando o *mwami* Yuhi Mussinga busca apoio junto à coluna militar alemã, aliás, já ali instalada há cinco anos, diante das ameaças de uma rebelião de revoltosos. Tal atitude por parte do rei Yuhi só corroborou, quem sabe, os desejos dos alemães, tendo, dessa forma, o seu protetorado reconhecido, haja vista o fato de Ruanda e Urundi terem se tornado os distritos 13 e 14 da África Oriental Alemã. Esta, por seu turno, sem titubeios, passa a exercer uma colonização indireta, interferindo nas estruturas tradicionais dos dois territórios. Tal estado de coisas só foi alterado, em 1916, em função da primeira guerra mundial, quando a Bélgica invadiu Ruanda.

Não demorou muito para que a Bélgica, sob a proteção das Liga das Nações, lá pelos anos de 1923, tivesse a confirmação de seu mandato sobre os dois territórios. Por outro lado, só demorou um pouco mais, para que a mesma Bélgica recebesse, das mãos da Organização das Nações Unidas (O.N.U.), a transformação do mandato em tutela, o que ocorreu em 1946. Já nessa época, a relação entre os povos tutsis e hutus se revelou arranhada e geradora de gravíssimos

conflitos futuros.¹

A Bélgica, mesmo sob a tutela da Organização das Nações Unidas, não suportou por muito tempo o conflito já flagrantemente instalado no seio dos povos tutsi e hutu. Como consequência da luta travada entre eles, deu-se o refúgio de cerca de cento e cinquenta mil Tutsi para o Burundi e para o Congo. A situação, então, ficou cada vez mais insustentável para os belgas, culminando, assim, com a proclamação da república em 18 de janeiro de 1961, tanto para Ruanda como para Burundi. A independência, por sua vez, foi conquistada em 1º de julho de 1962, pondo fim, portanto, à monarquia.

Mas as disputas entre *hutu-tutsi* não pararam por aí. Mesmo com a independência proclamada, no ano de 1964, o território ruandês voltou a testemunhar lutas sangrentas entre os dois povos: esse quadro trágico exibiu uma cena dantesca com 20 mil mortos, sem falar nos milhares de refugiados *tutsi*.

Depois desse cenário pintado com as cores da dor e do sofrimento, delineadoras de traumas e feridas de toda sorte, parece ter seguido um período de estabilidade política. Só na aparência, contudo, já que, em 5 de julho de 1973, o presidente Kayibanda foi deposto por um golpe de Estado, o qual depositou sobre as mãos de uma junta militar todos os poderes, sendo seu líder incontestado o general Juvenal Habyalimana.

O MASSACRE, OU MELHOR, O GENOCÍDIO DE 1994: UM TEMPO QUE AINDA SE FAZ PRESENTE

Os idos de 1964 ficaram para trás. Ficaram para trás somente nas páginas frias dos livros de história. A temperatura entre os tutsi e hutu não parava de aumentar. Chegou ao extremo de seu estado febril, quando, em 6 de abril de 1994, o avião que transportava o presidente Juvenal Habyarimana - líder que, como a maioria dos ruandeses, era um hutu -, foi derrubado, caindo em Kigali. O que desencadeou, após esse episódio, nem mesmo os pincéis de Dante Alighieri teriam sido tão prodigiosos, na pintura de seu Inferno, em sua "A Divina Comédia".

A culpa pela morte do líder hutu foi atribuída à minoria tutsi. Já no dia seguinte à queda do avião, isto é, 7 de abril de 1994, a ma-

¹ De acordo com a Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., em sua edição de 1983, quando trata de Ruanda, à página 10092, "a liderança Tutsi incorporou, em seu benefício, o nacionalismo africano ascendente na década de 1950. Isso inquietou as autoridades belgas, que manobram com a maioria *hutu* no sentido de contestar a estrutura fundiária favorável aos Tutsi. Os Hutu organizaram-se num movimento republicano, Parmehutu, e a revolta eclodiu, em novembro de 1959, contra a supremacia dos Tutsi. O rei Kigezi V foi deposto, alguns meses depois".

tança teve início: uma horda de extremistas hutus espalhou terror entre os tutsis, massacrando-os, diante de olhares aquiescentes do Exército, da polícia e de milícias.

Desse dia em diante, Ruanda, durante longos e intermináveis 100 dias (e mesmo décadas depois), viu sua história ser pintada com as cores da brutalidade, do ódio, da indiferença, da omissão. As cores da brutalidade e do ódio dizimaram quase um milhão de ruandeses; as cores da indiferença e da omissão deixaram suas pinceladas no quadro dantesco: entre os dias 9 e 16 de abril de 1994, estrangeiros ocidentais são retirados do país, numa flagrante atitude de indiferença, por parte de colonizadores e pós-colonizadores – belgas e franceses, por exemplo -, que preferiram fechar seus olhos para o massacre, cuidando de proteger os seus compatriotas; no dia 21 de abril de 1994, a ONU, numa atitude estranha e incompreensível, reduz a presença de sua força de manutenção de paz de 2.500 para reduzidos 270 homens; em 22 de junho de 1994, a França, com a sua Operação Turquesa, que consistiu numa intervenção militar, despejou, aproximadamente, 2.500 soldados, em território ruandês, trazendo em seu bojo atitudinal e comportamental o discurso de salvar vidas e pôr fim ao massacre. A iniciativa francesa teve lá seu contraditório: a Frente Patriótica Ruandesa (FPR), por exemplo, foi um dos desconfiados, pois, para ela, a França não estava tão imbuída, assim, de atitudes humanitárias, e que, não demoraria, para que o país de de Gaulle passasse a apoiar os hutus, no que gerou também graves desconfianças por parte dos rebeldes, chegando a ponto de consideraram os francês seus inimigos.

Após esse quadro gerador de desconfianças e incertezas, em 4 de julho de 1994, a Frente Patriótica Ruandesa se apossa de Butare² e Kigale, capital de Ruanda, minando o poder dos revoltosos. O quadro que se vislumbra a partir desse desencadeamento de forças é a fuga de 2 milhões de hutus de Ruanda, até que, em 17 de julho de 1994, a mesma FPR consegue “pôr as mãos” em Gisenyi³ e Ruhengeri⁴. O fato de a Frente Patriótica Ruandesa ter capturado as quatro principais cidades do país, sem dúvida, praticamente pôs fim à tensão entre as duas etnias, o que culminou com o término do conflito, ao tomar as duas últimas cidades, ou seja, Gisenyi e Ruhengeri.

² Cidade situada no sul de Ruanda. Sua importância é atribuída sobretudo por ser considerada a capital universitária do país, já que abriga a Universidade Nacional de Ruanda, além de lá sediar o Museu Nacional de Ruanda.

³ É uma cidade resort, onde é possível praticar esportes náuticos. O governo provisório, durante o genocídio de Ruanda, encontrava-se instalado nessa cidade.

⁴ Uma das antigas províncias do país, mas também uma cidade que se transformou num ponto de rota para se observar os famosos gorilas da montanha.

A RUANDA PÓS-GENOCÍDIO

A Ruanda depois de 4 de julho de 1994 se viu diante de um cenário composto de quadros desoladores. Um quarto de século após o genocídio ainda testemunha o achado de corpos de vítimas da incompreensão e da insensatez humanas, espalhados pelos mais diferentes lugares das terras ruandesas. Sobreviventes e familiares continuam a resgatar de suas memórias a dor e o sofrimento da perda de tantos quantos se viram vítimas dessa barbárie, até porque, a sua consciência íntima se faz acionada todas as vezes que as mais diferentes imagens do massacre vêm à tona. Ainda soam aos seus ouvidos – aos ouvidos dos sobreviventes –, o som dos autofalantes, comandados pelos milicianos hutu Interahamwe, os quais espalhavam terror pelos quatro cantos do país, e convocavam os revoltosos a “esmagar as baratas” tutsis, intimando-os a se munirem de facões, paus e machadinhas, para dar cabo às vidas daqueles que eram considerados seus inimigos.⁵

A tragédia não desiste de lançar suas cores sombrias sobre o país, ainda que este se esforce, através de políticas públicas de crescimento e desenvolvimento, bem como de iniciativas que visem à reconciliação de etnias que ainda se veem desconfiadas entre si. A Ruanda pós-genocídio levará muito tempo, ainda, para conviver com os traumas e feridas decorrentes desse conflito insano. Esforços têm sido empreendidos, especialmente pelas novas gerações, as quais não querem apagar de suas memórias todas as atrocidades advindas do massacre, haja vista a visita frequente que os jovens fazem ao Memorial do Genocídio Ntarama, em Kigali, onde há roupas e pertences de parentes, numa atitude de respeito e manutenção da memória de seus antepassados, naquilo que guardam de ensinamentos e observância às tradições.

FILHOS E NETOS DE SOBREVIVENTES E DE ASSASSINOS: AS NOVAS GERAÇÕES

As novas gerações não querem apagar de suas memórias o massacre e suas consequências, por outro lado, não querem ficar a ele presas. Querem respeitar e não esquecer a história de seus antepassados, mas também querem reconstruí-la, querem presentificá-la através de seus sonhos e projetos.

⁵ As cenas que descrevem esses quadros trágicos foram muito bem construídas no filme “Hotel Ruanda: Uma história real”, de Terry George, e estrelado por Don Cheadle, Sophie Okonedo, Nick Nolte e Joaquin Phoenix. Trata-se, em última análise, de um filme arrebatador, sucesso de público e da crítica especializada (“Esse é um filme de rara coragem e inesquecível emoção” – Rolling Stone; “A interpretação é soberba” – London Times; “Uma impressionante história de coragem” – Time. Teve, também, 3 indicações ao Oscar: melhor ator, Don Cheadle; melhor atriz coadjuvante, Sophie Okonedo; e melhor roteiro original.

No documentário intitulado “As marcas do genocídio em Ruanda, 25 anos depois”, deparamo-nos com depoimentos de jovens, muitos deles sobreviventes, que tiveram pais, parentes ou amigos assassinados no genocídio de 1994, considerado o mais rápido do século XX. Vale a pena extrair do documentário alguns trechos desses depoimentos, a fim de melhor entendermos e compreendermos as graves consequências dos traumas instaurados no interior desses “eus” de jovens ruandeses, assim como as feridas ainda abertas, mas cuidadosamente levadas à cicatrização, por intermédio de atitudes altruístas e de perdão: um deles, que “tinha apenas três meses quando seus pais e quatro irmãos foram mortos pelas milícias hutu”, diz: “aqui estava a nossa casa durante o genocídio”. “Foi minha tia que me carregou nas costas durante o genocídio até o fim dos assassinatos. Ela me descreveu como foi terrível, ela viu tudo”. “Não se pode imaginar como é crescer sem pais, sem irmãos. Estar sozinho, enquanto outras crianças ainda têm os seus pais”.

Além dos traumas vividos pelos filhos dos sobreviventes, há aqueles vividos pelos filhos de assassinos, que também precisam lidar com a situação, como nesse depoimento de um deles: “Para aqueles que perderam suas famílias porque eram tutsis, era muito difícil ficar sozinho quando criança. Ou, como no meu caso, com os pais na prisão por terem sido condenados por envolvimento no genocídio. Tivemos de assumir muitas responsabilidades quando éramos jovens”.

Mesmo diante de um genocídio que “lançou uma sombra nas gerações futuras”, ainda assim a esperança gritou e grita mais alto. A esperança enseja a reconciliação entre os filhos e netos de tutsis e hutus. Ela quer que um novo capítulo da história dessas duas etnias seja (re)construído. E ela ganha força e se materializa na voz de um desses jovens: “Nós, jovens, devemos viver de uma forma que nos aproxime e faça o nosso país avançar. A juventude é o futuro do país”.

Noutro documentário, assistido por nós na *Globo News*, de 07 de abril de 2019, exatamente no dia em que o Genocídio completava 25 anos, documentário nomeado de “Os filhos do massacre: processo de Reconciliação”, vários foram os depoimentos de jovens ruandeses que, através de ações positivas de reconciliação entre descendentes de tutsis e hutus, demonstraram se importar com o futuro do país. Eles têm procurado fazer valer a reconciliação, por intermédio de projetos sociais que visam a aproximar as duas etnias, como, por exemplo, o projeto “Caçadores de muros”. Jovens saem às ruas de Kigali à caça de muros por eles considerados feios e passam a embelezá-los com desenhos e mensagens de esperança e solidariedade. O evento denominado “Eu sou Kigali”, também é um meio utilizado para aproximar os jovens tutsis e hutus. Através desse evento, eles celebram a diversidade em Kigali. Nas reuniões, enfatizam a importância da cultura

oral de seu povo, a Contação de histórias como forma de expressar os usos e costumes de seus antepassados, a fim de mantê-los vivos no presente, o qual também é discutido e debatido, tendo as manifestações artístico-culturais como mote indispensável. Assim expressa um dos jovens que frequenta as reuniões: “Às vezes, você resgata as memórias daquele tempo, através da arte”.

Por último, vale destacar a ação positiva de uma jovem ruandesa, na chamada granja “Viúvas do genocídio”. Ora, com o massacre quase maciço dos ruandeses, em sua maioria esmagadora constituída de homens, não é difícil compreender por que Ruanda, hoje, possui 64% de representantes mulheres e 78% de seus habitantes têm menos de 35 anos. A jovem empreendedora, destaque do documentário, símbolo dos jovens ruandeses da atualidade, ou seja, conscientes, com forças para seguirem em frente, ensinam àqueles que não tiveram as mesmas oportunidades a se reerguerem, a se recomporem, como é o caso das viúvas do genocídio, que, com o trabalho na granja, que se acha localizada no Vilarejo das viúvas, lutam por dias melhores.

A grande lição que ficou, e há de continuar a ficar, a qual nos chamou a atenção no aludido documentário, foi quando o entrevistador arguiu a um jovem a respeito ainda da possível existência de conflitos entre as duas etnias, ao que o jovem, de chofre, disparou: “Desculpe-me, não gosto disso, não gosto de falar disso: somos todos ruandeses”. Bem, pelo visto, nem havia necessidade de o presidente Paul Kagame ter dado ordens, para que se anulassem os antigos registros que diferenciavam a população por etnia. O jovem, com a força de sua voz consciente, já havia dado mostras de que os traumas estão perdendo força e sendo superados.

REFERÊNCIAS

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL/Enciclopédia MIRADOR internacional. São Paulo/Rio de Janeiro: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1983. Vol. 18. p. 10092.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RWANDA, 1994 GENOCIDE: STAGE OF TRAUMAS AND WOUNDS,
BUT ALSO OF PRESENT AND FUTURE HOPES

Abstract: Rwanda, an African country, victim of one of the greatest genocide in the recent history of mankind, returned to live, after 25 years, with the memories of a massacre that decimated almost 1 million people. To discuss the facts that marked the life of the Rwandan people, we made use of historical information, documentaries and television newspapers about what happened, in whose bulge are fragments of enlightening interviews of those dark times, whose Barbarism remain alive in the minds of their generations.

Keywords: Rwanda. Genocide. Barbarians